

Morte na barca

Polícia argentina age na fronteira do Brasil

O Brasil é um estranho país que, tendo-se livrado da própria ditadura, não consegue se livrar das ditaduras alheias. Hospeda agentes da repressão política de seus vizinhos do Cone Sul, importa para um regime aberto horrores de regimes fechados e sábado, dia 2, ajudou policiais argentinos a encurralarem até o suicídio um casal de terroristas, do grupo Montoneros, que viajava numa barca brasileira de Porto Meira para Puerto Iguazú, na fronteira.

A cena, com que a abertura brasileira não merecia conviver, teve como testemunhas um barqueiro de 39 anos, Antônio Alves Feitosa, e um grupo de religiosos italianos —

freiras carmelitas e um padre. Feitosa, o "Tatu", que diariamente comanda a travessia da balsa "Caju IV" pelo rio Iguazú, conta que recebeu a bordo aquela tarde, entre os passageiros, dois jovens com aparência de turistas. A moça, uma loura franzina, de jeans e botas de cano alto, era Liliana Ines Goldemberg, procurada pelas Forças Armadas Argentinas com os codinomes de "Ana", "Pastito" ou "El Capitán". Tinha 27 anos. O rapaz, de 30 anos, era Eduardo Gonzalo Escabosa, ou "Andrés".

Atrás deles, pouco antes que a balsa desatracasse do lado brasileiro, embarcaram dois policiais argentinos. Não estavam em missão secreta. Tanto que, para não pagar a passagem — 13 cruzeiros —, exibiram ao cobrador Roberto Smaha suas credenciais.

CIANURETO — Perto da margem argentina, eles mandaram parar a balsa e apontaram um revólver para o casal. Cercados, Liliana e Eduardo ainda puderam ver que mais policiais desciam ao atracadouro, vindos da aduana. Ela se ajoelhou diante do padre italiano e, con-

ta Tatu, ambos "gritaram que eram perseguidos políticos e que preferiam morrer ali a serem torturados". Em seguida, ainda segundo o relato do barqueiro, abriram um saco plástico, tiraram comprimidos e os engoliram bebendo a água barrenta do rio. Morreram em 30 segundos, envenenados por uma dose fortíssima de cianureto.

O padre e as freiras italianas sumiram. Tatu foi convocado à Prefeitura Naval de Puerto Iguazú e aconselhado a esquecer a morte dos "perigosos terroristas". Em Buenos Aires, o Estado-Maior das Forças Armadas divulgou um comunicado oficial, quarta-feira passada, com a versão de que Liliana e Eduardo levavam instruções aos montoneros sobre como captar em código, através da Rádio Noticias del Continente, da Costa Rica, instruções especiais para o terrorismo argentino. Como de hábito, não apresentou qualquer prova de suas informações.

No Brasil, oficialmente, não se tratou do assunto. Em Foz do Iguazú, a Capitania dos Portos explicou que não se interessaria pelo caso, alegando que ele ocorrera "do lado de lá". Esqueceu-se de que o fato ocorrera, também, em barco brasileiro, onde dois agentes estrangeiros agiram num lugar que, teoricamente, estaria sob jurisdição nacional.

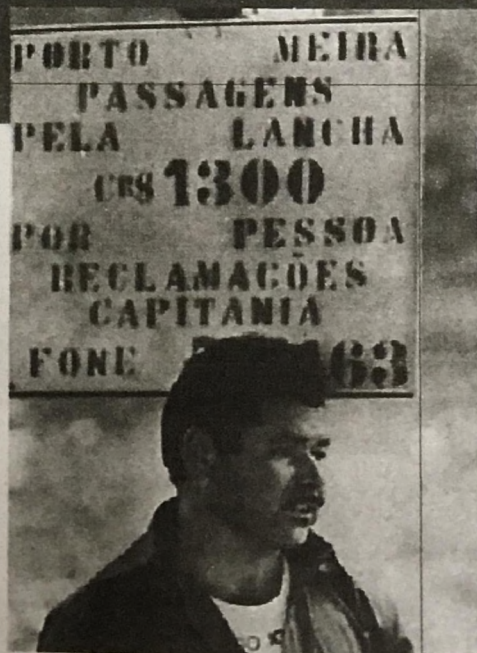
FUGA PARA O NORDESTE — Faltam, a esse caso, de fato, evidências de colaboração da polícia brasileira a ações através da fronteira — como as que acabaram condenando policiais gaúchos pelo seqüestro dos uruguaios Lilian Celiberti e Universindo Díaz, em 1978. Desta vez, não há dúvida de que Liliana e Eduardo estavam-se dirigindo espontaneamente à Argentina. E não há sinais de colaboração ativa de autoridades brasileiras, além de uma inexplicável tolerância com a ação dos argentinos deste lado da fronteira. Nem por isso o caso

deixa de ser uma amostra chocante de como as fronteiras brasileiras são devassadas por ditaduras sul-americanas. O subcomandante da Prefeitura Naval de Puerto Iguazú, Arturo García, admitiu: "Temos uma permanente troca de informações com a polícia brasileira, aqui, no Rio de Janeiro e em São Paulo".

Por culpa dessa "troca de informações" é que o Movimento Universitário Cristão, de

Paris, pediu na semana passada que a CNBB procure os rastros do padre argentino Jorge Oscar Adur, acusado de ser o capelão do exército montonero em 1976. Há um mês, durante a visita de João Paulo II ao Brasil, ele chegou para ver o papa e contatar exilados. Desde então, não deu mais notícias.

E, agora, com a proximidade da viagem do presidente Rafael Videla, marcada para o próximo dia 19, centenas de exilados argentinos em Estados do sul começaram a arribar para o nordeste. Querem fugir das malhas da "operação limpeza" que, varrendo manifestações de protesto do roteiro do visitante, podem enxotá-los para as armadilhas de agentes estrangeiros.



Armadilha na barca de Feitosa

FOTOS NANI GÓES